

**A CONSTITUIÇÃO DA "PHILOLOGIA"
EM "O VULGARISADOR": UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Allan Phillip Conceição de Oliveira (UERJ)

alphli@yahoo.com.br

Ana Beatriz Simões da Matta (UERJ)

anabeatrizsimoes@hotmail.com

1. Introdução

O presente artigo pretende analisar a seção “A Philologia Moderna e a Origem da Linguagem” de um periódico de divulgação científica do século XIX intitulado “*O Vulgarizador: O Jornal dos Conhecimentos Úteis*”, editado entre os anos de 1877 – 1880 por Augusto Emílio Zaluar (1825-1882); autor português naturalizado brasileiro que escreveu *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*, datado de 1863, e também o primeiro romance de ficção-científica no Brasil - *O Doutor Benignus*, de 1875. O interesse pela ciência também se reflete em *O Vulgarizador*, jornal que tinha a proposta de trazer as mais recentes informações científicas ao povo brasileiro.

O responsável pela seção destinada aos estudos da Linguagem era o professor e filólogo Boaventura Plácido Lameira de Andrade (- 1897). Apesar de sua grande contribuição para o ensino brasileiro, principalmente em escolas normais, pouco se sabe sobre esse autor, que, em parceria com Manuel Pacheco da Silva Junior (1842-1899) escreveu a *Gramática da Língua Portuguesa para uso dos gymnasios, liceos e escolas normaes* (1894) (FÁVERO & MOLINA, 2009, p. 27).

Buscamos compreender o estabelecimento do saber filológico no século XIX através desse material, bem como o funcionamento dos discursos atrelados a este, que garantiriam o estatuto de verdade científica aos estudos gramaticais.

No quadro teórico de referência, utilizaremos as ideias propostas por Orlandi (2002), a qual estabelece que os estudos filológicos no século XIX funcionaram como instrumento de gramaticalização para a constituição de uma língua nacional através da produção de dicionários e gramáticas encarados como meios de consolidação do idioma pátrio. Sabe-se que os estudos filológicos do século XIX basearam-se principalmente no método histórico-comparativo, numa busca de resgatar as origens e

particularidades entre as línguas e afirmar uma constituição identitária em cada uma dessas.

Propomos por metodologia de análise identificar o funcionamento das marcas linguísticas, depreendendo as possíveis relações com o discurso positivista e biologizante da época. Pretende-se, desta forma, compreender como as imagens do campo das ciências exatas são construídas discursivamente na seção “A Philologia Moderna e a Origem da Linguagem”, e como essas se encontram atreladas à legitimação da filologia, recebendo em nosso *corpus* o estatuto de modernidade.

2. A gramática no século XIX

A gramática tradicional, tida como um conjunto de conhecimentos institucionalizados na sociedade, influenciou enormemente os trabalhos dos próprios gramáticos e mais recentemente os dos linguistas (ORLANDI, 2002, p.166), pois ambos precisavam primeiramente pautar-se em uma tradição que remontava à Antiguidade Greco-Latina.

A gramática tradicional tem por objetivo principal conservar a variação da língua culta utilizada pelos literatos e pelas camadas mais abastadas economicamente tendo como consequência a exclusão das outras variações encontradas na sociedade. A sua função reúne, para tanto, as feições de técnica e arte, pois ela desenvolve as partes do “discurso”, classificando-as e definindo as suas regras de uso além de se preocupar com o estilo expressivo – Estilística – que deveria se apoiar nos autores canonizados. Essa preocupação com a expressão linguística perfeita é tão forte culturalmente que, até hoje, mesmo com os deslocamentos ocorridos, o ensino de Língua Materna encontra-se atrelado ao ensino de gramática normativa.

Com a disseminação da filosofia positivista, esse paradigma foi deslocado. O positivismo no Brasil, como explicita Orlandi (2002), propagou-se através do deslizamento de sentidos propostos pela escola francesa de Comte. Partindo de sua base teórica – a previsibilidade científica (“ver para prever”), princípio segundo o qual a ciência, através de sua experimentação e verificação, seria capaz de explicar os fatos observados –, a teoria positiva no Brasil propagou-se atrelada à necessidade de *organização* e de constituição de uma nova nação. A *marcha progressista da humanidade*, “caráter próprio e indispensável da filosofia positiva” (COMTE, 1978, p. 3), difundiu-se em terras brasileiras aliada à instaura-

ção da ordem, identificada como base fundamental para o progresso de nossa nação. E a palavra de ordem na constituição identitária da nação brasileira atravessa o campo da linguagem e principalmente o estabelecimento da língua nacional.

Difunde-se nos estudos linguísticos da época o método chamado histórico-comparativo. Segundo Bassetto (2001, p. 64),

O método histórico-comparativo é aplicável a casos de grupos de línguas *genealogicamente* afins. Dados colhidos nas línguas com a mesma origem são comparados entre si para se lhes encontrar a *forma originária*, determinar os metaplasmos ocorridos, verificar-lhes o significado, a formação de novos campos semânticos, o motivo ou os motivos de tais formações, e inúmeras questões semelhantes.

Este método se constitui como garantia científica atribuída aos estudos gramaticais, atuando, portanto, como instaurador da ordem para o progresso e a afirmação identitária de uma língua nacional.

No Brasil, os conceitos da gramática tradicional são deslocados por essa nova constituição epistemológica. De acordo com Foucault (2002, p. 32), todo enunciado, de um lado “está ligado a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas por outro abre para si uma existência remanescente no campo da memória”. A construção do *corpus* discursivo da Filologia passou por essa contradição que ao mesmo tempo é um gesto inicial e também uma retomada do já instituído socialmente, do já-dito, que constitui toda memória do dizer.

O gramático brasileiro do século XIX desempenha, assim, função primordial na construção da língua nacional. Este, “ao deslocar o processo de saber legítimo de Portugal para o território brasileiro, interfere no processo pelo qual a legitimidade social e nacional de nossa língua é decidida” (ORLANDI, 2002, p.191). Neste distanciamento da língua metrópole, o gramático insere em suas descrições elementos marcados pela historicidade e pelos movimentos de constituição do Estado brasileiro. Em sua posição-autor, o gramático brasileiro (ORLANDI, 2002) busca produzir um saber metalinguístico capaz de contemplar as aspirações e os novos rumos produzidos pela sociedade brasileira decimonônica. A gramática é conduzida como um instrumento de solidificação desta afirmação linguística nacional, sedimentando o novo idioma pátrio.

Desta forma, um contínuo movimento entre o saber filológico e o saber gramatical é estabelecido, num jogo entre a busca de legitimidade (por parte da gramática) e de afirmação e comprovação científica (por

parte dos estudos filológicos). Junior (2006, p. 4), ao definir o papel da gramática histórico-comparativa para os estudos gramaticais em geral, afirma que no século XIX “há a necessidade de legitimação da gramática enquanto ciência dos fatos de linguagem”. O papel da gramática deixaria de ser apenas o de um instrumento do bom uso da língua para que esta se estabelecesse como campo disciplinar comprovado e legitimado pelos métodos comparativos, alcançando desta forma um estatuto de verdade científica.

3. *Discurso da filologia moderna*

Esse novo recorte epistemológico que surgiu com a instituição da filologia moderna foi uma possibilidade para que os estudos gramaticais – há séculos baseados em tradições filosóficas gregas e latinas – alcançassem a cientificidade que era imposta na época.

De acordo com a visão positivista, as sociedades se encontrariam em três estágios de evolução diferentes – estado teológico, metafísico e positivo.

Define-se o primeiro como o estágio em que os fenômenos da natureza se explicariam através de criaturas sobrenaturais – criaturas divinas, deuses, etc. O segundo estágio, por sua vez, explicaria a natureza através da racionalidade, dos argumentos. Já o terceiro, através da observação, da experimentação e do controle.

Essa tentativa de deslocamento dos conceitos da gramática tradicional para um novo tipo de conhecimento da linguagem foi um esforço para que a sociedade brasileira alcançasse o terceiro estágio – o estado científico – e se equiparasse com os países europeus, considerados mais “civilizados” e “desenvolvidos”.

Em sua constituição discursiva, a filologia moderna sofreu inúmeras influências de outras ciências que foram as bases modelares de cientificidade durante o século XIX.

O discurso da biologia, bastante propagado nessa época, por causa das ideias de Charles Darwin (1809-1872) e Herbert Spencer (1820-1903), foi utilizado, além de outros – como a geologia, a antropologia e a física – na constituição desse novo ramo científico.

A linguagem torna-se ao mesmo tempo um organismo vivo que evolui, tem anomalias e pode ser dissecado (*Vulgarizador*, 1880, p. 148)

e um conjunto de sedimentos esparsos no interior do solo que aguarda que o pesquisador – linguista – o encontre e divulgue.

No início do século XX, essas duas propostas serão retomadas e classificadas como estudos sincrônico e diacrônico, por Ferdinand de Saussure (1857-1913), em seu *Curso de Linguística Geral*.

4. Análises

Nunes (1994) postula que o procedimento analítico da Análise do Discurso baseia-se num “contínuo movimento do percurso da materialidade linguística e dos processos discursivos, não definindo, portanto, esquemas estanques no processo de análise”. Assinala também a necessidade de “recortes” (ORLANDI, 1986, p.121) específicos em relação aos objetivos propostos pelo analista, “para que se possa em seguida localizar os pontos ou as regiões de ancoragem semântica pertinentes para mostrar os processos discursivos em jogo” (NUNES, 1994, p. 40).

Partindo destas considerações, definimos como metodologia do presente trabalho o estabelecimento de sequências discursivas recortadas da seção: “A Philologia moderna e a origem da linguagem”, retiradas, como já exposto, de *O Vulgarizador: O Jornal dos Conhecimentos Úteis*. Dentre os diversos campos da ciência que conferiam legitimidade aos estudos científicos (ciências exatas, biologia, geologia, etnografia, etc.), optamos apontar neste trabalho os traços do discurso biologizante, fortemente difundido no século XIX. Para melhor visualização de nossos recortes, apresentamos, na página seguinte, uma tabela contendo as entradas lexicais a serem analisadas, as sequências discursivas nas quais estão inseridas e a referência quanto ao número da página onde estão contidas no material analisado.

- Boas/ más derivações

- Regras fonéticas exatas

Em SD1, Lameira de Andrade constrói a conceituação das derivações propostas pela análise etimológica opondo os adjetivos “bom” e “mau”. As derivações das palavras poderiam ser consideradas boas ou más, dependendo da regra fônica a ser seguida e que determinará a continuação ou não da existência da palavra. Percebemos então que a adjetivação funciona aqui não somente para caracterizar as derivações, ou seja,

atribuir uma qualidade a estas. Neste caso, os adjetivos “bom” e “mau” permitem compreender uma separação entre duas derivações: as boas, que sobrevivem à transmutação das regras fônicas, e por isso, conseguem durar e sobreviver nos usos linguísticos; outras, que seriam as más, cujas transformações fonéticas modificaram a estrutura morfológica e fonológica do vocábulo, deixando de compor o quadro lexical de utilização da língua. Percebemos uma retomada de efeitos de sentido da gramática tradicional, no que diz respeito ao silenciamento das variantes, ou das “más derivações”, nas palavras do autor. Deste modo, a visão tradicional e histórico-comparativa apagam as mudanças linguísticas e voltam a atenção somente para o correto e o aceito vernaculamente.

Tabela 1: Discurso biologizante

Entradas Lexicais	Sequências Discursivas	pág.
<i>Boas / más derivações</i>	[SD1]: É esta uma das mais solidas conquistas da analyse etymologica, que para discernir as boas das más derivações, dispõe de regras phonicas exactas, na esfera de cada grupo genético bem definido.	148
<i>Regras phonicas exactas</i>		
<i>Esphera de cada grupo genético bem definido.</i>		
<i>Minuciosa dissecação</i>	[SD2]: O exemplo d’esta minuciosa dissecação nos conduz a duas inferencias da maior importancia: primeiramente que os organismos verbaes mais perfectos se formaram por via de agregação e de integração crescente, e, em segundo lugar, que subindo-se de stratus em stratus, chega-se a um período anterior às mais simples distinções gramaticaeas.	148
<i>Organismos verbaes mais pefeito</i>		
<i>Puras raízes</i>	[SD3]: Repousa, por conseguinte, em legítimos fundamentos a determinação de uma época de puras raízes, onde o mecanismo das palavras consistia em simples monosyllabos, formados ou de uma só vogal isolada, como no thema pronominal i, ou de poucas consoantes, como nas predicativas dâ, sthâ, par, etc.	149
<i>Processos mais primitivos de seu crescimento e desenvolvimento.</i>	[SD4]: Se é verdade, como geralmente é aceito, que o periodo rhematico ou das raízes, nos leva às mais remotas estratificações da Linguagem e nos esclarece sobre os processos mais primitivos de seu crescimento e desenvolvimento, nem por isso o devemos julgar como o primeiro nucleo e unido factor de tão maravilhoso produto.	149
<i>As interjeições e as onomatopeias (...) continuam a viver vida independente.</i>	[SD5]: As interjeições e as onomatopeias, typos tão visinhos que a distincção é mais theorica que pratica, continuam a viver vida independente, para nos contar a pagina inicial da historia da linguagem.	156

Esta caracterização das derivações aponta para a materialização do discurso biologizante do século XIX, principalmente no que se remete

à teoria darwiniana da seleção natural dos indivíduos, atrelando o discurso biológico à composição do saber filológico. Orlandi (1992 *apud* MOURA, 2006, p. 01) postula que a interação entre os discursos pressupõe a noção de interdiscurso, “o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido”. O espaço do interdiscurso é o do já-ditado, do retomado, do aludido a outras vozes, marcadas pelo processo histórico e materializado pela língua.

Ao utilizar adjetivos cuja intencionalidade estaria mais próxima à retomada do conceito darwinista de seleção natural, o discurso biológico encontra-se atravessado na construção do discurso do autor, que, ao pretender construir o saber filológico, utiliza-se do conceito de seleção natural para legitimar seus argumentos. Cabe ressaltar que este conceito advém da resistência dos organismos mais fortes em relação aos mais fracos, ou, nas palavras de Darwin (2004, p. 95) “na persistência do mais capaz, dedicado à preservação das diferenças e das variações individuais e à eliminação das variações nocivas”. O processo de seleção natural compreende o desaparecimento de uma espécie em relação à outra menos adaptável ao meio em que se encontra, sendo a primeira selecionada por meio de processo natural.

- *Grupo genético*

Nessa entrada lexical, observa-se como o “conceito de organismo” da biologia está atrelado às palavras. Elas têm vida própria e evoluem, estão subjugadas a regras naturais, assim como os seres vivos, e, por conseguinte, também elas possuiriam um “código genético” que as identificaria. A análise etimológica se pauta na origem das palavras; no século XIX, elas eram – da mesma forma como são classificadas os seres vivos pela biologia – vistas como espécies que faziam parte dos gêneros, que, por sua vez, pertenciam a uma família linguística. No *corpus* discursivo da ciência biológica encontramos as seguintes divisões: reino, filo, classe, ordem, família, gênero e espécie. As palavras trariam consigo suas “características genéticas” – relações semânticas, morfossintáticas, fonéticas – que as assemelhariam e ao mesmo tempo afastariam outras palavras.

- Minuciosa dissecação

- Organismos verbais mais perfeitos

Em SD 2, o autor apresenta o trabalho de comparação entre as línguas como “minuciosa dissecação”, remetendo a este um fazer cauteloso e orgânico. O adjetivo utilizado para designar a dissecação – “minuciosa” –, nos aclara a ideia de que o gramático, em suas comparações, necessitaria estar atento à exatidão de sua prática, construída para ser tomada por verdade. Conforme exposto anteriormente, o método histórico-comparativo desenvolvido no século XIX confiava aos estudos gramaticais o caráter científico, legitimando, pois, a análise gramatical. Assim, a utilização de elementos científicos da área biológica, extremamente difundida e conceituada na época, torna-se aparente em relação à escolha lexical do autor. O vocábulo é tomado como um corpo biológico a ser analisado em suas densas camadas e o trabalho do gramático está atrelado à busca pela exatidão deste. Por isso, o gramático considera, dentre os vocábulos, aqueles que seriam os “organismos verbais mais perfeitos”. Nota-se que há um silenciamento daqueles que não seriam os mais perfeitos e que, portanto, estariam fora da constituição da legitimação da análise comparativista.

Nesta intensidade denotada através do advérbio “mais”, é interessante observar os traços da disseminação da filosofia positiva no Brasil. Os “organismos verbais mais perfeitos” vão em direção à marcha progressista da constituição da língua e ao processo instaurador de ordem, necessário para a afirmação identitária de nossa nação. Cabe ressaltar que o processo de ordem no século XIX “adquire o sentido de comando (...) significando repressão, reação.” (ORLANDI, 2002, p. 181). E, através do apagamento dos organismos verbais imperfeitos, a ordem na língua se instaura, num movimento de anulação das diferenças, primordial para o estabelecimento da ordem social da nova nação a ser formada.

- Puras raízes

Nesta SD 3, observa-se a relação existente entre o discurso biológico e filológico. A raiz – termo utilizado até hoje – é a parte das palavras que mais se aproxima da origem. As raízes puras são aquelas que possuem uma legitimidade comprovada da língua mãe. Assim como no discurso biológico das raças, em que as puras seriam superiores às misci-

genadas, as palavras possuiriam graus de pureza diferentes; as mais puras teriam maior prestígio, enquanto as “híbridas” não gozariam da mesma.

- *Crescimento e desenvolvimento*

Em SD 4, encontramos estas entradas lexicais que correlacionam as palavras com os seres vivos. As palavras teriam um desenvolvimento semelhante ao dos animais – nascer, crescer, procriar, morrer – e, por conseguinte, estariam expostas às leis naturais – regras normativas da gramática da língua – que fazem o papel, como a biologia faz com os seres vivos, de seleção natural das “espécies”.

- *Interjeições e Onomatopeias/ vidas independentes*

A SD 5 aponta as onomatopeias e as interjeições como seres que habitam as “vizinhanças” do mundo “civilizado” (palavras propriamente ditas). Elas existem para explicar a história da origem da língua (*Vulgarizador*, 1880, p. 156) e são comparadas às tribos nativas que não têm contato direto com a “civilização”. Vivem vida independente e podem ser importantes para reconstituir este elo perdido e responder às perguntas sobre a origem da Linguagem que o método filológico impôs.

5. *Considerações finais*

No presente artigo, podemos observar introdutoriamente como foi constituído o *corpus* discursivo da Filologia no século XIX e como o método histórico-comparativo trouxe legitimidade para os estudos linguísticos nesta época. Esse novo corte epistemológico configurou-se através de deslocamentos de sentidos advindos da gramática tradicional e com a introdução de conceitos das ciências vistas como modelos – Física, biologia – daquele momento.

Demonstramos através do *corpus* empírico, *O Vulgarizador: O Jornal dos Conhecimentos Úteis*, especificamente da seção “A Philologia Moderna e a Origem da Linguagem”, como a materialidade linguística comprova essas mudanças de sentido.

Apontamos também a importância da gramática normativa para o novo método científico que lhe dá legitimação e ao mesmo tempo recebe toda a tradição forjada desde a Antiguidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSETO, B. F. Métodos da filologia românica. In: _____. *Elementos de Filologia Românica*. vol. 1: história externa. São Paulo: USP, 2001.
- COMTE, A. *Curso de filosofia positivista*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- DARWIN, C. *A origem das espécies*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- FÁVERO, L. L.; MOLINA, Márcia Antonia Guedes. Do ensino e de gramática: revisando a escola nos primeiros anos da República. In: Gláucia Muniz Proença Lara. (Org.). *Linguag(gem), texto, discurso*. 1 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- JUNIOR, R. A. *João Ribeiro entre história, gramática e filologia*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/36/06.htm>. Acesso em: 17-08-2011.
- MOURA, M. B. S. *Memória Discursiva em Foucault e acontecimento jornalístico*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-maria-betania-memoria-discursiva-em-foucault.pdf>. Acesso em: 17-08-2011.
- NUNES, J. R. *Formação do leitor brasileiro: imaginário de leitura no Brasil colonial*. Campinas: Unicamp, 1994.
- ORLANDI, E. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.